
APROFUNDAR AS RAÍZES NAS MANHÃS: Cidadania Criativa¹

Angélica Sátiro²

Sobre o título

Edgar Morin, um grande pensador contemporâneo, afirma que habitamos a terra prosaica e poeticamente. Quando trabalhamos, fixamos objetivos práticos ou pretendemos sobreviver, o fazemos prosaicamente; e poeticamente, quando cantamos, sonhamos acordados, fruímos, amamos, admiramos, etc. Para o autor, a vida é tecida em prosa e poesia. O título desta palestra é uma alusão a isso, recorda-nos que devemos pensar a questão da cidadania prosaica e poeticamente. Isto é, tanto se deve trabalhar e estabelecer metas e objetivos práticos para a sua construção, como se deve sonhar, gozar e se admirar com ela.

¹ No original: *Hundir las raíces en las mañanas: ciudadanía creativa*. Tradução de Marcos Melamed Barqui. Texto que dá suporte à palestra inaugural do IV Seminário Ibero-Americano de Criatividade e Inovação, em La Antigua, Guatemala, em março de 2007.

² Angélica Sátiro é pesquisadora pela Universidade de Barcelona, Espanha. É colaboradora do Gruperef (Grupo de Inovação e Investigação no Ensino de Filosofia); professora-tutora do desenvolvimento do pensamento criativo no mestrado de filosofia (Philosophy for Children) da Universidade de Girona (Espanha) e do mestrado em Criatividade Aplicada na Universidade João Pessoa (Portugal); diretora da área do Pensamento Criativo do Centro de Idéias, na Guatemala, e diretora do Projeto Noria (projeto de desenvolvimento do pensamento criativo e atitudes éticas para crianças). Web: www.creamundos.net. angelica@creamundos.net

Quando li o artigo *Ciudadanía, diversidad y civismo*, de Joaquín Arango, professor de sociologia da Universidade Complutense de Madrid, fiquei encantada com a frase: *a idéia de cidadania aprofunda suas raízes na noite dos tempos*. Gostei da imagem poética que ela gerou. E, muito tempo depois, ao procurar o título para esta palestra sobre cidadania criativa, ocorreu-me que este conceito tinha algo a ver com as manhãs, mais que as noites, já que sinaliza o futuro. Assim sendo, a pretensão deste título é a de fazer uma provocação ao leitor/ouvinte mediante as várias possibilidades das metáforas e analogias que oferece. O título é uma porta que se abre para o diálogo, e cada um pode traduzi-lo a partir de seus sentimentos, pensamentos e esquemas de interpretação.

Palavras grávidas

As palavras estão sempre grávidas de significados e sentidos. Algumas são mais simples e apresentam uma definição mais concreta, embora haja outras que possuem um nível de complexidade mais profundo; estas podem parir vários significados porque são conceitos polissêmicos. Este é o caso das palavras cidadania e criatividade.

Qual cidadania?

Quando o professor Joaquín Arango afirmou que *a idéia de cidadania aprofunda suas raízes na noite dos tempos*, ele tinha em mente que o conceito de cidadania é polissêmico, ou seja, tem vários significados, e tem oferecido muitas possibilidades de interpretação ao longo da história humana.

Por isso, explicita-se a seguir sob qual conceito se aborda o assunto desta palestra. O objetivo disso é precisar de onde partimos ao falar deste conceito.

A palavra cidadania se refere à qualidade e/ou direito dos cidadãos. Cidadãos são os habitantes de uma cidade/povo/aldeia/país, aqueles vizinhos que compartilham espaços e serviços públicos, bens comuns, direitos, deveres, valores e princípios da vida em comum. Portanto, cidadania é aquilo que expressa a identidade coletiva de um determinado grupo comprometido em melhorar as condições de vida de todos aqueles que dividem o mesmo espaço e tempo. Por isso, no conceito de cidadania está implícita a necessidade de coexistência no mesmo espaço e de convivência no mesmo tempo. Neste conceito cabem todos: crianças, mulheres, jovens, idosos, pessoas de diferentes religiões, opções sexuais, etc.

Assim sendo, ser cidadão é, de certa forma, pagar impostos, agir segundo as leis, respeitar as leis de trânsito, dirigir com prudência, ser um pedestre consciente e cuidadoso de seu comportamento nas vias públicas, consumir moderadamente, cuidar da limpeza das ruas e espaços públicos (não jogar lixo e ajudar na limpeza quando o espaço público precisar de limpeza), votar conscientemente nas eleições, respeitar os deveres para com a coletividade e o bem comum, conhecer e reivindicar os direitos humanos na vida cidadã, agir para conquistar equidades: trabalhistas, étnica, social e de gênero. Agir respeitosa-mente com aqueles que possuem outra língua, outra forma de vestir, agir e pensar, mas que partilham o mesmo tempo e espaço. Ser agente intercultural que encontra na diversidade (própria de qualquer coletividade) sua maior riqueza.

Considerando tudo isso, podemos afirmar que a cidadania é aprendida com a vizinhança, na família, nas comunidades, no trabalho, em tudo que implica *agir a cada dia* como bom cidadão. A cidadania, como a estamos propondo, é um modo de viver pró-ativamente, consciente que cada um de nós é sujeito da ação. Um bom cidadão *não* espera que os outros resolvam os problemas, ele mesmo se posiciona como parte das soluções e não como parte dos problemas. Ser um bom cidadão pressupõe compromisso com as mudanças em melhorias que a sociedade se propõe.

Qual criatividade?

Haja vista sua recente sistematização, seu caráter polifacetado, e por contar com colaborações transdisciplinares, é um conceito de difícil precisão. Há maneiras diferentes de definir este termo. Este artigo propõe a seguinte definição: A criatividade é uma capacidade humana que faz com que, de forma inusitada e original, o ser humano se amplie e se aprofunde, individual e coletivamente, em diferentes áreas. Não é algo exclusivo de pessoas especiais ou gênios, mas algo ao alcance de qualquer pessoa. Necessita ser aplicada, isto é, ser praticada, e deve gerar ações e/ou produtos nos quais possa ser observado o resultado de sua utilização. Pode ser manifesta em diferentes linguagens: verbal, plástica, musical, etc., e em diversos campos de conhecimento: ciência, arte, tecnologia, pensamento, linguagem, ação no mundo (cultura, política), etc.

Graças a esta capacidade, o ser humano cria novas ordens para o mundo. A história é filha da criatividade humana. A cultura é filha da criatividade humana. O acervo de conhecimentos é filho da criatividade humana. As coisas mais belas, bem como as mais feias, são filhas desta capacidade humana. As obras de arte existem porque o ser humano é criativo, mas as armas e instrumentos de tortura também a têm como “mãe”. Assim sendo, o que define a qualidade ética da criatividade não é ela mesma, mas a nossa maneira de utilizá-la.

O que seria uma cidadania criativa?

De acordo com o que se afirmou anteriormente é possível deduzir que nós, humanos, somos seres ligados ao tempo, ao espaço e aos desafios de aprender a coexistir, coabitar, conviver. Individualmente tentamos sempre diminuir as asperezas da vida e aumentar as nossas alegrias. Porém, como estamos todos conectados, “ligados a uma reali-

dade em comum”, faz falta aprender, a cada dia, a incrementar a alegria de todos garantindo uma vida digna a aqueles que formam parte, junto a nós, dessa vida em comum. Dizer isto é fácil, mas... conviver, coexistir, coabitar é um completo desafio, e criar condições dignas para todos aqueles que compartilham o mesmo espaço e o mesmo tempo é algo complicado. Desta idéia de *cidadania criativa* resulta que há que se estar atento à busca diária de saídas para os desafios da vida coletiva. Trata-se de utilizar a nossa capacidade criativa eticamente, civicamente e politicamente. O poder criativo das pessoas que lutam por um mundo melhor é imenso e, caso estas pessoas se organizem e se reforcem, esse poder tende a aumentar. Trata-se de um poder coletivo e estruturado em forma de rede que passa por todos aqueles que estão envolvidos e ligados entre si. É um poder complexo, porque *não* é poder de uns sobre outros, mas o poder de todos para melhorar a vida de todos. Ou seja, é um poder que despersonaliza ao eliminar “egos”, e isto é complexo! É um poder de líderes conscientes de que o seu papel é servir aqueles que buscam uma maneira de melhorar a vida de todos. Ao mesmo tempo, o tecido social é revitalizado pelo poder da sociedade civil.

É criativa esta cidadania porque é um esforço na procura de novas maneiras de ver e de viver as relações coletivas, sociais e culturais. É criativa porque tem que ser inventada, o que implica em superar nossas dificuldades em tirar partido positivo das diferenças, por exemplo. Entretanto, mesmo parecendo algo muito utópico, nossa História humana é impregnada de histórias de gente que foi capaz de superar as limitações de seu tempo e espaço. É uma lástima que essas histórias tenham permanecido, muitas vezes, como episódios ocultos do nosso passado... De fato, todo e qualquer avanço social e cultural só foi possível graças ao exercício dessa superação. Ou seja, *cidadania criativa* é esse modo, possível, de viver a vida coletiva de maneira a transformar a qualidade de vida de todos aqueles implicados nela.

Transformar espada em arado e arado em idéias

É fácil afirmar que se trata de diminuir as asperezas da vida cotidiana, mas bem sabemos que algumas destas “asperezas” são levadas ao extremo das guerras civis, aos massacres, à violência urbana, etc. Além disso, soa belo dizer *cidadania criativa*, mas... como a realizar quando não existem as mínimas condições necessárias: alimentação para todos, saúde e educação para todos, segurança, respeito às leis, urbanismo e cordialidade coletiva? Mais ainda: como fazê-la se, em vários países, tememos não voltar vivos para casa após um dia de trabalho? Exatamente por isso! É aí que a criatividade pode contribuir para a construção da cidadania. Trata-se de encontrar soluções para viver entre todos, de uma maneira mais saudável.

Trata-se de transformar as espadas da violência no arado da construção coletiva de uma vida melhor para os que partilham o mesmo espaço/tempo. Também se trata de transformar esse “arado da construção social” em idéias claras que auxiliam a iluminar as ações. Uma “ação cega”, por mais bem intencionada que seja, pode levar a nada, ou inclusive, a piorar a realidade. O desejo de que algo bom ocorra não determina o sucesso de uma ação. É necessária a elaboração deste desejo, transformá-lo em idéia, trabalhar esta idéia e devolvê-la ao mundo da ação, e depois avaliar todo o processo. Isso implica em estratégia, planificação, empreendedorismo, projetos e ação criativa, além de boa capacidade de avaliação. Isto é, não se trata apenas de um discurso, mas de uma proposta fundamentada. E é nesse sentido que é possível aprender do acervo de experiências acumuladas por aqueles que lidam com a criatividade aplicada às transformações sociais e culturais. Existem hoje algumas experiências no mundo nesse sentido, porém, este artigo vai partir da experiência da EFCI (Escuela de facilitadores de la creatividad y la innovación) de La Antigua, Guatemala.³

³ <http://www.creamundos.net/destaque1.html>.

Esta escola tem como foco a redução da pobreza, contribuindo para o desenvolvimento humano e cultural desse país. Para a realização desse objetivo, a escola forma líderes jovens, capacitando-os para desenvolver projetos criativos e inovadores em suas comunidades. Nos itens seguintes, iremos procurar explicitar o que é o “modelo EFCI” e de que forma ele se constitui em uma contribuição da criatividade para a construção da cidadania.

A juventude como riqueza criativa

A juventude é uma etapa da vida humana na qual mobilizamos muitas energias e recursos internos, ao mesmo tempo em que ampliamos a nossa capacidade de agir no mundo. Isso gera um poder específico, caracterizando a juventude como agente de transformação. Essa força, mal canalizada, pode cair na marginalidade: quadri-lhas de narcotráfico, roubos, etc. Por isso, é importante oferecer à juventude de um país oportunidades de direcionar esta força de maneira positiva.

Por sua vez, nos países da América Latina, é comum saber que a população é, na sua maioria, jovem. Ou seja, se existe alguma transformação possível para os países em desenvolvimento, esta passa pela juventude. É ela, a juventude, uma força que deve ser associada para construir a cidadania criativa que visamos.

A EFCI é uma escola para formação de jovens líderes que trata de propiciar ferramentas para que eles possam aproveitar esta força que têm, agregando valor a suas comunidades e provocando mudanças necessárias para o desenvolvimento local.

Em resumo: no modelo EFCI a juventude é o cerne do trabalho, e é considerada como uma força criativa que merece ser desenvolvida e que necessita ser orientada positivamente.

Criatividade aplicada a mudanças sociais e culturais

O modelo EFCI é centrado na meta: formar jovens líderes capazes de facilitar processos criativos aplicados à gestão e dinamização cultural.

Para realizar isto oferece uma formação que ocorre em dois níveis:

Interno: existe uma série de estímulos que visam desenvolver ferramentas e recursos internos reconhecendo a criatividade como um fato global (corpo, mente, emoção, interação). Estas “ferramentas/recursos” procuram trabalhar o auto-conhecimento, a auto-estima e a auto-imagem dos jovens, auxiliando-os a ter uma idéia de si mesmos compatível com o papel de líderes criativos para seu país. Eles tentam descobrir e reconhecer seus próprios talentos, ingressam na profundidade de arquétipos coletivos que podem servir de “mapas de auto-conhecimento” e de autorização. Além disso, questionam quem eles querem ser para além de suas circunstâncias sócio-econômicas, logrando ser conscientes dos valores e dos sonhos que guiam suas vidas.

Externo: além de se fortalecerem internamente como pessoas, é oferecida uma série de ferramentas que permite a eles aproximar-se da realidade e intervir nela de maneira consciente e criativa. Estas “ferramentas/recursos” são, além das técnicas de criatividade já conhecidas, um trabalho mais profundo que busca ajudar no conhecimento da realidade nacional, compreender e atuar como líderes em dinâmicas de grupos, elaborar e gestar projetos (empreendedorismo sociocultural), facilitar processos criativos e inovadores em organizações, avaliar criativamente e agir eticamente em relação ao contexto intrapessoal, comunitário e nacional.

Esta formação que tanto favorece aos indivíduos quanto aos líderes comprometidos com a coletividade se dá através de oficinas oferecidas por vários profissionais internacionais e nacionais, além de uma estratégia de acompanhamento entre oficinas que se oferecem nas comunidades de aprendizagem, as quais são orientadas por outros jovens tutores egressos de processos anteriores de formação. Os jovens

precisam criar, elaborar e implementar projetos em suas comunidades como parte da sua formação. Com isso, eles têm uma dimensão real das facilidades e dificuldades de realizar algo nessa direção.

Em todos os momentos desta formação, os jovens são estimulados de diversas maneiras a desenvolver sua capacidade de pensar criativamente, o que os tornará capazes de resolver os desafios para além dos “muros escolares”.

A criatividade como ferramenta de construção da cidadania

O modelo EFCI evidentemente contribui para a construção da cidadania potencializando a juventude de um país majoritariamente de jovens, dando a eles as ferramentas para uma ação consciente e inovadora em suas comunidades. Esse modelo fortalece o tecido social, haja vista que incentiva a participação local e a ação nos numerosos micro-vínculos que existem nas relações cotidianas desses jovens entre si.

Além disso, ainda que fortaleça a construção da cidadania, esta proposta não trata os jovens como meio para que isso ocorra, mas considera as pessoas que são como início e como fim desse desenvolvimento cidadão. Os jovens são vistos como seres em desenvolvimento e em permanente aprendizagem a partir de sua capacidade criativa. É a trama da consciência de seu ser individual e de seu ser coletivo que os faz serem mais predispostos a entender qual é o seu papel no mundo como pessoas e como cidadãos.

Os países, como a Guatemala, têm muito sangue e muita dor social em seu inconsciente coletivo. A criatividade contribui para a construção da cidadania nestes países quando ajuda a imaginar futuros possíveis que não são necessariamente a consequência lógica das causas de seu passado. Trata-se de romper esquemas, alargar a visão, vislumbrar outras possibilidades, propor novas alternativas, buscar desenvolver um imaginário coletivo que permita uma ação social da socie-

dade civil a partir das suas próprias potencialidades. É revitalizar sua “condição humana” com possibilidades que não eram presentes na memória coletiva em função de um passado remoto e recente cheio de massacres, falta de respeito aos direitos civis, entre outras coisas. Trata-se de cuidar do espaço vital coletivo desde a capacidade criativa daqueles que compartilham este espaço vital. É fazer aquilo que insinua o subtítulo: transformar *espada em arado e arado em idéias*.

Razões para viver

Exercer a *cidadania criativa* é encontrar a cada dia boas razões para viver e ajudar a viver. Como afirma o filósofo espanhol José Antonio Marina, é necessário buscar a “felicidade pública” (um marco desejável para viver). A “felicidade pública” não subtrai as dores individuais, mas garante condições comuns mais favoráveis para que cada indivíduo leve para frente a sua vida pessoal. Esta é uma boa razão para se construir a cidadania do século XXI a partir da perspectiva criativa.

Faz pouco tempo foi detectado um câncer incipiente no colo do meu útero. Após a cirurgia fiquei com as pernas anestesiadas por algum tempo, e é claro que não podia me mover. Eu sou movimento! Então me senti presa, bloqueada, incapacitada para realizar algo. Pouco a pouco meu corpo foi retomando seu lugar, mas uma das pernas ficou adormecida por mais tempo. Essa restrição me levou a refletir sobre as relações cidadãs, usando meu corpo como analogia. A violência é um câncer no corpo social. A miséria é um câncer no corpo social. As desigualdades econômicas são um câncer no corpo social. O analfabetismo, a exclusão e a marginalização de mulheres e crianças também são manifestações dessa doença social que ataca diretamente a “matriz” (o útero é chamado de matriz) da sociedade. A matriz é o espaço para que as sementes germinem e cresçam, é o espaço criativo das sociedades. Faz-se necessário retirar estes tumores para que eles não infectem todo o resto com sua degeneração. O que pode curar as sociedades enfermas é que seus cidadãos despertem e atuem a partir

de suas capacidades criativas (recuperem as suas matrizes). É a capacidade criativa coletiva que pode “regenerar” as partes da sociedade afetadas por esse câncer social. E pode acontecer que algumas partes do corpo social fiquem ainda anestesiadas, adormecidas, sem movimento, se arrastando por aí. No entanto, ter razões para viver é uma boa massagem para esta parte do corpo social que se encontra dormente. A fragilidade nossa, de cada um de nós como indivíduo, é a razão e a necessidade que sustenta a nossa sociabilidade. Isto, por si só, é um bom motivo para se dedicar na ajuda da criação deste “marco desejável para viver” (felicidade pública) desde a perspectiva criativa da cidadania.

Reivindicação do século XXI: quando as perguntas ultrapassam as respostas

A reflexão é um movimento para trás. Em geral, refletimos sobre o passado. Mas, nesta palestra, como procuramos aprofundar nossas raízes nas manhãs, fazemos um esforço em refletir enquanto propomos possibilidades futuras. Quando fazemos propostas, vislumbramos possibilidades que ainda não existem, nossas perguntas ultrapassam as respostas que temos naquele instante. E, de certa forma, esta conferência procura apresentar algumas respostas, mas também continuar com as perguntas. O século XXI está cheio de incertezas e é esta a sua reivindicação: deve-se continuar a perguntar. Perguntar é afundar nossas raízes nas manhãs, é contribuir com tudo que podemos aprender das tantas noites escuras da nossa existência, ao mesmo tempo em que amanhecemos outros mundos possíveis.